

APRESENTAÇÃO

Na universidade brasileira, historicamente, os estudos sobre música sempre estiveram presentes. No entanto, a forma dispersa e fragmentada com a qual seus infinitos desdobramentos como matéria de análise e reflexão foram acolhidos no âmbito acadêmico, não favoreceu e nem mesmo proporcionou a formação de um campo circunscrito, que a identificasse entre os objetos de estudo de uma área específica das ciências humanas ou das ciências sociais e nem, tampouco, do seu efetivo espaço privilegiado, que seriam as faculdades de música, escolas de música e conservatórios de música.

Olhando em retrospectiva, talvez seja possível hoje reconhecermos nessa fragmentação a presença incontornável de dois fatores: o primeiro, que não seria uma primazia do Brasil, é que a música como linguagem artística oferece múltiplas portas de entrada para pensarmos questões de naturezas díspares como, por exemplo, antropológicas, sociológicas, linguísticas, literárias, econômicas, geográficas, psicológicas, pedagógicas, históricas, do campo da comunicação e, por vezes, até mesmo de ciências exatas como a física e a matemática. O segundo, que coloca o Brasil numa posição mais específica nesse campo, ao lado de um número menor de países, é a centralidade que a produção musical possui como formadora da própria ideia de nacionalidade.

É evidente, e atualmente sabemos bem disso, que esta noção de nacionalidade é problemática e centro de uma série de extensos debates sobre sua construção e reificação ao longo de mais de um século em nossa sociedade. Não cabe aqui nesta apresentação elencar ou demonstrar a complexidade do tema. Cumpre-nos apenas sublinhar a força que a música exerceu como vetor dessa construção, a fim de destacar uma nuance decisiva para sua presença dentro de um espaço de reflexão sobre nossa história e sobre os traços que definem nossa contemporaneidade.

Dentro desse contexto a grande área de Letras, e mais especificamente a área de Literatura, tornou-se nas últimas três décadas um dos espaços mais potentes para o exercício de pesquisas, debates e análises sobre o tema. Tal contexto não se oferece em razão de uma primazia, que pudesse referendar a teoria literária como uma teoria mais efetiva em sua competência específica para se pensar a música no meio universitário, mas, pelo contrário, pela porosidade cada vez maior das teorias literárias, pelo menos desde meados do século XX, em incorporar perspectivas oriundas de outras áreas como a filosofia, a história, a antropologia e de tantos outros campos do saber nas ciências humanas e sociais. Essa porosidade, longe de enfraquecer a suposta armadura teórica que, por consequência, debilitaria as divisas dos objetos, possibilitou que se consolidasse na universidade das Letras um trânsito interdisciplinar, responsável por multiplicar as possibilidades das pesquisas sobre música. Como resultado, a música foi exposta a um diálogo tanto mais dinâmico com outras linguagens artísticas, não

somente como a própria literatura, mas em igual medida com as artes visuais, com a dramaturgia, com as representações audiovisuais etc.

Sob qualquer que seja a perspectiva, quantitativa ou qualitativa, já é possível observar um notável crescimento nas faculdades de Letras, principalmente no ambiente da pós-graduação, de pesquisas dedicadas à música e suas interfaces com outros campos de saber, bem como das produções artísticas variadas. Um dado que vem chamando grande atenção nos últimos anos, e que pode nos servir de parâmetro para as afirmações que vimos sustentando, ainda que num estágio seminal, da maior abrangência hoje dos estudos de música no Brasil, é uma inversão da lógica da primazia da canção, e do que se definiu conceitualmente como “sujeito cancional”, como centro das reflexões dos pesquisadores dedicados à música.

Como o leitor atento poderá observar no conjunto de textos aqui reunidos, existe hoje um cardápio bem mais amplo e variado de pesquisas que incluem em suas perspectivas de análise temas como a materialidade da música, a corporeidade, a performance, entre outras chaves de interpretação que ampliam os termos do debate dentro do âmbito acadêmico.

Talvez o resultado mais objetivo que podemos apontar nesse sentido seja a emergência do que alguns teóricos chamam, ainda inicialmente, de “canção expandida”. Um termo que ainda carece de melhor contorno, mas que, contudo, possui imensa capacidade de iluminar o que caracterizaria certo esgotamento de uma forma mais tradicional de interpretar a música produzida no Brasil, além de acenar para a necessidade de se pensar esta produção a partir de outros vetores e campos de força que constituem a produção contemporânea. Não se trata, obviamente, de negar a relevância decisiva de autores e pesquisas que a partir, principalmente dos anos 1970, desenharam um corpo robusto de análise sobre a nossa música, mas sim da percepção de uma necessidade clara de abrir novos horizontes para os necessários desdobramento e ampliação do nosso campo da pesquisa.

Um debate controverso, faz-se necessário admitir. Seu escopo embrionário desafia. Por outro lado, parece não restar muita dúvida de que a sua potência figura na base dos motivos pelos quais essa efervescência do ambiente da pós-graduação com pesquisas, seminários, publicações de artigos, livros e ensaios sobre música não ter ainda implicado uma penetração maior desses estudos no espaço dos cursos de graduação. Em sua maioria, os inúmeros professores e pesquisadores alocados nos departamentos de Letras das universidades brasileiras, com formação especializada no tema, não conseguem oferecer cursos regulares sobre música nos programas de suas instituições. São poucas as faculdades que oferecem de forma regular uma cadeira dedicada a essa área de pesquisa e, em geral, o caminho possível é abrir uma ou outra cadeira eletiva dentro das possibilidades da grade curricular de cada programa. A institucionalização das aulas sobre música, em suas múltiplas possibilidades de abordagem, dentro das faculdades de Letras, é um tema urgente e fundamental para a consolidação

campo de pesquisa. Apesar da alta produtividade e vitalidade no ambiente da pós-graduação, a ausência de cadeiras permanentes na graduação revela ainda uma fragilidade limitadora para todos os pesquisadores do tema dentro da universidade brasileira. Entendendo a força e a relevância histórica da música no país, esse dado explicita uma incongruência que deveria mobilizar toda a rede de docentes e pesquisadores dedicados à pesquisa na área.

Neste sentido, a proposta da publicação e a realização de um número da Revista IPOTESI (UFJF) exclusivo para artigos dedicados ao tema, supomos, deve ser saudada como um grande acontecimento, tanto no que diz respeito à possibilidade de retratar a importância e amplitude das pesquisas que estão sendo desenvolvidas em todo o país sobre a música e seus desdobramentos, quanto uma forma de demarcar perante a comunidade universitária a solidez do nosso campo de pesquisa dentro da grande área de Letras.

Esperamos que os possíveis leitores, independentemente do nível de inserção na esfera acadêmica, possam encontrar no presente volume, além de artigos que dialoguem com suas pesquisas e interesses, do mesmo modo, aquilo que tentamos iluminar nesta apresentação: um campo de pesquisa sólido e cada vez mais relevante para o ampliado rol dos assuntos que se abrigam sob o expandido signo dos Estudos de Literatura.

Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira*

Miguel Jost**

Juiz de Fora – Rio de Janeiro, junho de 2016.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários – UFJF.

** Professor Colaborador do Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade – PUC-Rio.